

## CONTRADIÇÃO NA FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO BRASIL: EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS E ARTICULAÇÃO ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO A PARTIR DOS FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO SERVIÇO SOCIAL

Clarice da Costa Carvalho<sup>i</sup>  
Luana Silva de Azevedo<sup>ii</sup>  
Thamires Costa Meirelles dos Santos<sup>iii</sup>

**RESUMO:** O artigo aborda as perspectivas pedagógicas para o tratamento dos temas referentes ao componente curricular Fundamentos Históricos e Teóricos-metodológicos do Serviço Social (FHTMSS) através da disciplina FHTMSS I no curso de Serviço Social no campus interiorizado da Universidade Federal Fluminense (UFF) na cidade de Rio das Ostras/RJ. A construção da ideia “um mergulho na realidade Brasileira” passa pela leitura de Yamamoto (1998, 2007), da incorporação do Projeto de Formação Profissional em Serviço Social expresso nas Diretrizes Curriculares para os cursos de Serviço Social da ABEPSS e pela concepção e defesa da universidade pública - fortalecendo o tripé ensino-pesquisa-extensão a partir do desenvolvimento de ações que também possibilitam a formação de novos quadros profissionais para a pesquisa e para a docência através do projeto de monitoria. Colocamos em análise a utilização de referências artísticas na construção de abordagem pedagógicas, incluindo obras filmicas (de ficção e documentários), artes plásticas, produções musicais e literatura. Destacamos a compreensão da realidade brasileira incluindo a leitura de Carolina Maria de Jesus como intelectual negra e intérprete do Brasil.

**Palavras-chave:** Formação sócio-histórica do Brasil; Serviço Social; Projeto de Formação Profissional; Carolina Maria de Jesus, Monitoria.

### CONTRADICTION IN BRAZILIAN SOCIO-HISTORICAL FORMATION: TEACHING EXPERIENCES AND ARTICULATION AMONG EDUCACION- RESEARCH-EXTENSION BASED ON HISTORICAL AND THEORETICAL- METHODOLOGICAL FUNDAMENTALS OF THE PROFESSION

**ABSTRACT:** The article approaches the pedagogical perspectives for the treatment of themes related to the curriculum component Historical and Theoretical-methodological Social Work (FHTMSS) through the discipline Historical and Theoretical-Methodological Fundamentals of Social Work I in the Social Work course at the interior campus of the Universidade Federal Fluminense (UFF) in the city of Rio das Ostras / RJ. The construction of the idea “A dive into the Brazilian reality” involves reading Yamamoto (1998, 2007), incorporation of the Social Work’s Professional Training Project, from the ABEPSS Curricular Guidelines for the graduation in Social Work and also, to the conception and defense of the public university - strengthening the education-research-extension tripod, based on the development of actions that also enable the formation of new professional staff for research and teaching through the monitoring project. We analyze the use of artistic references in the construction of pedagogical approaches, including film works (fiction and documentaries), visual arts, musical productions and literature. We highlight the understanding of the Brazilian reality including the reading of Carolina Maria de Jesus as black intellectual and interpreter of Brazil.

**Keywords:** Socio-historical formation of Brazil; Social Work; Professional Formation Project; Carolina Maria de Jesus, Monitoring.

## 1 INTRODUÇÃO

A disciplina de Fundamentos Históricos e Teórico-Methodológicos do Serviço Social I (FHTMSS I), tem por objetivo elucidar as protoformas do Serviço Social no Brasil, partindo da análise da profissão especialmente nos aspectos relacionados às relações Estado e classes sociais nos lastros dos anos de 1930 a 1950, particularizando essa processualidade histórica ao cenário brasileiro da época.

Como é amplamente divulgado na produção bibliográfica do Serviço Social, a profissão possui sua gênese no Brasil, claramente articulada aos projetos conservadores hegemônicos no país. A vinculação com as iniciativas formativas oriundas no bojo das organizações católicas, as primeiras experiências profissionais, o campo de recrutamento, a própria origem de classe das pioneiras do Serviço Social e as influências teóricas dos primórdios da profissão entrelaçam-se às iniciativas estatais e patronais, explicitando o rol de processos e relações que caracterizam a raiz conservadora de nossa profissão.

A estratégia pedagógica que temos construído passa pelo debate sobre de como esta raiz conservadora, que marcou as origens do Serviço Social no Brasil, e, didaticamente, pela contraposição expressa pelas iniciativas de contestação e resistência das classes trabalhadoras, visto que o avanço das opressões características da sociabilidade capitalista impactam diretamente nas condições de vida desta classe, materializando-se como expressões da questão social.

Construímos, assim uma abordagem na qual demos destaque às leituras críticas da desigualdade social e pobreza, utilizando recursos literários, documentais e fílmicos atrelados ao clássico estudo de Iamamoto e Carvalho (2015).

Assim, além de outras referências bibliográficas do campo do Serviço Social selecionamos os livros “Diários de Bitita” e “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, o samba “Recen-

seamento”, Crônicas de Lima Barreto, as pinturas “Abapuru” e “Redenção de Nam”; os documentários de Jean Manzon<sup>1</sup> “As favelas vão acabar” e “Nordeste o problema número um<sup>2</sup>” e entrevistas com pioneiras do Serviço Social brasileiro<sup>3</sup>.

Ao longo do ano de 2019 a experiência da monitoria destacou a produção de material didático de apoio e atendimento aos estudantes da disciplina Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos do Serviço Social I, estando articulada ao Grupo de estudos, pesquisa e extensão em Serviço Social, trabalho e processos contemporâneos (GPESSC) o que significa a inserção das estudantes-monitoras em pesquisas e elaboração textual voltadas à sistematização dos temas de estudos específicos da disciplina do curso de graduação em Serviço Social e, também, temas relacionados a fim de dinamizar as aulas e a formação das estudantes-monitoras. Dialogando, ainda, com a perspectiva de formação profissional definida nas Diretrizes Curriculares da ABEPSS tratando das particularidades regionais no trato dos conteúdos da formação profissional.

Com o desenvolvimento dos debates suscitados nas orientações de monitoria e no incremento das aulas de FHTMSS I elaboramos e realizamos ações pedagógicas extraclasse denominada “Projeto de Ensino”, também nos inserimos no Grupo de Estudos “Fundamentos do Serviço Social” e, por fim, a partir das elaborações de um grupo de estudantes e das monitoras de FHTMSS I articulamos a criação de um projeto de pesquisa que possa dar maior aprofundamento e mais articulações críticas e fundamentação acadêmica aos textos produzidos com atividades avaliativas da disciplina no semestre 2019.1. O interesse dos estudantes em assistir

---

<sup>1</sup> Jean Manzon, fotógrafo francês radicado no Brasil com destaque em trabalhos de fotojornalismo e produção cinematográfica.

<sup>2</sup> Os documentários foram produzidos para o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPÊS), o estudo de Corrêa analisa que havia uma a partir de uma simbiose entre a produção de Manzon e a perspectiva do IPÊS. “Compreendemos a produção dos documentários ipesianos não a partir de um processo de encomenda/prestação de serviço onde o produtor apenas colabora com a formatação das ideias propostas pelos financiadores. Manzon foi o que poderíamos considerar o “publicitário” das ideias defendidas pelo Instituto.” (CORRÊA, 2005, p. 04). Para Corrêa (2005, p. 116): “Estruturalmente o filme pode ser dividido em cinco sequências. A primeira caracteriza os personagens que serão apresentados; a segunda destina-se a apresentação dos problemas enfrentados pela região (miséria, seca, mortalidade infantil, emigração, atraso social, etc); a terceira sequência demonstra ações paliativas de combate aos problemas sociais e econômicos (ações públicas e ações privadas, construção de açudes, canais de irrigação, água, etc.); a quarta sequência demonstra exemplos de ações concretas para a solução dos problemas apresentados (instalações industriais, ações de plantio, construção de indústrias, trabalhadores em atividade); e, por fim, a quinta sequência demonstra a paisagem transformada (instalações industriais, grandes áreas plantadas, campos irrigados etc).”

<sup>3</sup> Entrevistas acessadas através do projeto Memória da assistência social no Brasil: constituição de banco de entrevistas, desenvolvido em convênio com o Ministério da Previdência e Assistência Social através de sua Secretaria de Estado de Assistência Social, entre 2001 e 2002, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos sobre o tema a ser disponibilizado no CPDOC e no Centro de Referência e Estudos da Assistência Social.

filmes, séries e documentários citados nas aulas e no projeto de ensino estimulou a criação do Projeto de extensão com esta abordagem: produção fílmica e questão Social no Brasil.

A diversidade de iniciativas converge no objetivo de fortalecer e dinamizar o debate sobre os Fundamentos do Serviço Social, bem como, possibilitar um rol mais amplo de experiências formativas, sobretudo, pela perspectiva de debates dialogados e construção coletiva dos espaços de estudos.

## 2 UMA ABORDAGEM A PARTIR DAS DIRETRIZES CURRICULARES DA ABEPSS<sup>4</sup>

A centralidade da compreensão dos Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social nesta disciplina e no Projeto de Monitoria é elementar e merece destaque, pois foge do que normalmente é posto: um debate branco e eurocêntrico. A partir da problematização desta disciplina em nossa grade curricular, passamos a debater as alternativas para a materialização dos objetivos do projeto de monitoria com referências em bibliografias e recursos fílmicos que partem de uma narrativa europeia acerca dos primórdios do modo de produção capitalista e sobretudo do desenvolvimento do Serviço Social enquanto profissão de caráter interventivo, a escolha desses recursos ocorre na maioria das vezes pela influência Belga e Francesa que norteou os estudos do Serviço Social nos primeiros cursos de Serviço Social no Brasil.

Entendemos que a compreensão dos processos sócio-históricos brasileiros na relação com os fundamentos da profissão é uma abordagem pedagógica mais adequada, mais complexa e mais rica em elementos formativos para os estudantes e as monitoras da disciplina<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Compreendemos que tal caminho busca sustentação sobretudo nos princípios 1 e 2 das diretrizes curriculares, conforme a elaboração da ABEPSS de 1996: 1 - O Serviço Social se particulariza nas relações sociais de produção e reprodução da vida social como uma profissão interventiva no âmbito da questão social, expressa pelas contradições do desenvolvimento do capitalismo monopolista. 2 - A relação do Serviço Social com a questão social - fundamento básico de sua existência - é mediatizada por um conjunto de processos sócio-históricos e teórico-metodológicos constitutivos de seu processo de trabalho. (ABEPSS, 1996)

<sup>5</sup> De acordo com Yamamoto (1998), faz-se necessário “[...] dar um “mergulho na realidade social do país” (p. 55). A produção de Yamamoto dialoga diretamente com a contemporaneidade numa perspectiva histórica, esta fonte e as orientações das diretrizes curriculares da ABEPSS nos inspiram na busca e construção da articulação entre a profissão e realidade, tomando este desafio como uma tarefa para várias gerações de assistentes sociais. Nos termos da autora: “Pode-se concluir que articular a profissão e a realidade é um dos maiores desafios, pois entende-se que o Serviço Social não atua apenas *sobre* a realidade, mas atua *na* realidade. Nesta perspectiva, compreende-se que as análises de conjuntura — com o foco privilegiado na questão social --, não são apenas *o pano de fundo que emolduram o exercício profissional*; ao contrário, são partes constitutivas da configuração do trabalho do Serviço Social, devendo ser apreendidas como tais. O esforço está, portanto, *em romper qualquer relação de exterioridade entre profissão e realidade*, atribuindo-lhe a centralidade que deve ter no exercício profissional”. (IAMAMOTO, 1998, p. 55 grifos da autora).

Contudo a autoimagem da profissão na particularidade brasileira, possuiu um conjunto de fatores sociais e econômicos específicos e complexos que quando pensados a partir dos recursos bibliográficos, artísticos e fílmicos construídos por pensadores e artistas brasileiros, possibilitam um entendimento ainda mais abrangente e de caráter histórico extremamente significativo. É necessário ressaltar que a proposta deste relato não se fundamenta em desprezar as contribuições da vertente eurocêntrica para o debate e desenvolvimento do Serviço Social na fase do monopolismo, mas sim de construir uma análise crítica a utilização exclusiva deste tipo de recurso teórico-metodológico reconhecendo também as possibilidades e potencialidades existentes de estudar e compreender a história da profissão partindo de narrativas brasileiras que por sua vez também foram vítimas do apagamento histórico que marca o período de escravidão no Brasil.

### **3 UMA ANÁLISE CRÍTICA DA REALIDADE BRASILEIRA – INTERLOCUÇÕES ARTÍSTICAS, LITERÁRIAS, FÍLMICAS E MUSICAIS.**

Este estudo coloca em voga a situação da classe trabalhadora durante a emergência da industrialização, fazendo um recorte na perspectiva da classe trabalhadora negra cujas particularidades estão expressas com centralidade nas obras de Jesus (2014a, 2014b). Então, a partir do diálogo com a análise crítica da realidade brasileira<sup>6</sup> elaborada por Carolina Maria de Jesus, especialmente em sua obra “Quarto de Despejo”, O título esse que faz analogia a favela enquanto o quarto de despejo da sociedade, onde nos termos de Carvalho (viviam os indivíduos “desajustados das condições normais sociais” (CARVALHO, 2014, p. 147). Buscamos, ainda articular o debate sobre a emergência da profissão no Brasil, considerando que há muitas especificidades no debate sobre “questão social”, conforme apresenta Carvalho (2014):

A “questão social”, seu aparecimento, diz respeito diretamente à generalização do trabalho livre numa sociedade em que a escravidão marca profundamente seu passado recente. Trabalho livre que se generaliza em circunstâncias históricas nas quais a separação entre homens e meios de produção se dá em grande medida fora dos limites da formação econômico-social brasileira. Sem que se tenha realizado em seu interior a acumulação (primitiva) que lhe dá origem, característica que marcará profundamente seus desdobramentos. (CARVALHO, 2014, p. 133)

---

<sup>6</sup> “Um sapateiro perguntou se meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele me disse que não é aconselhável escrever a realidade.” (Jesus, 2014b, p. 108).

O “não-lugar” dos negros no processo de industrialização e complexificação da economia brasileira também impõe a marca do racismo nas expressões da questão social. Carvalho (2014), o novo elemento em que se constituiu a política social desenvolvida por Getúlio Vargas<sup>7</sup> esteve vinculada a uma estrutura corporativista, elemento que, supostamente, impediria o conflito de interesses entre os trabalhadores e os patrões. Neste período a legislação social é revista e ampliada - jornada de trabalho de 8 horas, menores, mulheres, férias, juntas de conciliação e julgamento, contrato coletivo de trabalho, etc. - projetando-se sua aplicação generalizada nos meios urbanos. No projeto político de Vargas aparecerá explicitamente a proteção aos trabalhadores para a obtenção da “harmonia social”, com o intuito de controlar a articulação coletiva dos operários que vinha ganhando força desde o início do século XX, que foi um fator central na politização da classe, para garantir a expansão da acumulação pela intensificação da exploração da força de trabalho.

O perfil da população operária que residia nos centros urbanos era majoritariamente composto por imigrantes, que após o fim do modelo agroexportador, foi a saída encontrada pelas elites para substituir a mão de obra escrava no Brasil<sup>8</sup>, na promessa de uma terra fértil e com terras baratas, camponeses pobres vieram da Europa. O autor Darcy Ribeiro vai pontuar, com base na sua pesquisa histórica apresentada na obra “O povo brasileiro”, indica que o número de migrantes europeus praticamente coincide com o número da última estatística de trabalhadores escravizados.

Os trabalhadores negros escravizados são libertos em 1888, oficialmente, pois anteriormente ao sancionamento da lei áurea muitos negros já se organizavam em quilombos, tinham suas alforrias compradas por movimentos abolicionistas, a lei é um registro normativo da libertação dos escravos, pois era um processo que já vinha ocorrendo. Para Stédile (2015)

Com a libertação dos trabalhadores escravizados – ‘oficializada pela Lei Áurea, de 1888’ – e, ao mesmo tempo, com o impedimento de os mesmos se transformarem em camponeses, quase dois milhões de adultos ex-escravos

---

<sup>7</sup> Alguns autores chamaram este período de Era Vargas, pois este projeto político foi coordenado pelo líder Getúlio Vargas, que foi o presidente da república de 1930 a 1945.

<sup>8</sup> A população geral também apresentava um decréscimo contínuo da quantidade de negros: “Pelo censo de 1872, os negros (pretos e mulatos) correspondiam a 37,2% da população da cidade de São Paulo. Já em 1893, o percentual era de 11,1% e, pelas estimativas de 1934, esse percentual declinava para 8,5%. Portanto, o desaparecimento do negro, ou branqueamento da população era um dos fenômenos estatísticos mais evidentes do quadro racial de São Paulo.” (DOMINGUES, 2002, p. 566)

saem das fazendas, das senzalas, abandonando o trabalho agrícola, e se dirigem para as cidades, em busca de alguma alternativa de sobrevivência, agora vendendo “livremente” sua força de trabalho. Como ex-escravos, pobres, literalmente despossuídos de qualquer bem, resta-lhes a única alternativa de buscar sua sobrevivência nas cidades portuárias, onde pelo menos havia trabalho que exigia apenas força física: carregar e descarregar navios. E, pela lei de terras, eles foram impedidos de se apossar de terrenos e, assim, de construir suas moradias: os melhores terrenos nas cidades já eram propriedade privada dos capitalistas, dos comerciantes etc. Esses trabalhadores negros foram, então, à busca do resto, dos piores terrenos, nas regiões íngremes, nos morros, ou nos manguezais, que não interessavam ao capitalista. Assim, tiveram início às favelas. A lei de terras é também a ‘mãe’ das favelas nas cidades brasileiras (p.24).

Numa sociedade estruturada pelo colonialismo e pelo racismo, a classe trabalhadora negra não foi englobada aos postos de trabalho nas fábricas industriais como os imigrantes, ficando à margem da sociedade. A autora Carolina Maria de Jesus narra que a população da favela era composta majoritariamente por negros e *nortistas* que vinham da zona rural do país para a cidade de São Paulo, em busca de melhores condições de vida, local onde a reprodução da lógica escravocrata ainda era muito latente e muitos dos migrantes eram trabalhadores braçais nas fazendas, sendo remunerados com moradia e alimentação ou com salários miseráveis.

Por falar em contribuições e apagamento histórico, como uma das proposta bibliográfica do Projeto de Monitoria está a leitura crítica dos livros: “Quarto de despejo” e “Diário de Bitita” da grande escritora negra Carolina Maria de Jesus, duas referências bibliográficas de suma importância para se pensar a questão social e seus rebatimentos no início do século XX. Como dito anteriormente a disciplina de FHTMSS I tem por objetivo o estudo das relações entre o Estado e as classes sociais no contexto e processo histórico no qual se situa o surgimento do Serviço Social pensando a partir da particularidade brasileira e do caminho teórico-metodológico escolhido tratamos das análises de Carolina Maria de Jesus no seu “Diário de Bitita”, obra na qual descreve as condições de vida em que a população negra estava inserida, ainda com fortes resquícios da escravização poucos foram os negros que conseguiram migrar dos interiores para os grandes polos industriais, a autora em diversos trechos conta como o trabalho fabril na então capital Rio de Janeiro e sobretudo na vislumbrada cidade de São Paulo era o sonho de ascensão de muitos negros que ainda viviam em condições muito similares à da escravização no campo.

Alguns trechos contidos em “Diário de Bitita”, elucidam o que representava a possibilidade de estar no cerne da industrialização para a população negra: “*Os patrões decidiram visitar São*

Paulo [...] *Quando regressaram, falavam do progresso da cidade industrial*” (JESUS, 2014a, p.177), entre os diversos capítulos que narram a idealização negra em se tornar parte da classe trabalhadora dos grandes centros urbanos e as reais condições objetivas que impediam isto, o livro termina com o desejo da autora sendo realizado e o tom da esperança de ascensão em seus escritos:

Até que enfim eu ia conhecer a ínclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam-se como se fossem para o céu (...) quando cheguei à capital, gostei da cidade, porque São Paulo é o eixo do Brasil. É a espinha dorsal do país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São Paulo deve ser o figurino que este país se transforme num bom Brasil para os brasileiros. Rezava agradecendo a Deus e pedindo-lhe proteção. Quem sabe ia conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranquilidade. (JESUS, 2014b, p. 205-206)

Torna-se evidente que a massa operária usuária do Serviço Social no início do século XX era composta majoritariamente pela mão de obra imigrante, haja vista que muitos dos negros nem sequer podiam frequentar escolas, tão pouco eram considerados dignos para receber salários pelo trabalho braçal que desempenhavam, fazia parte de uma minoria os que conseguiam subsídios para migrar para os polos industriais. Em outros trechos é nítido que os imigrantes de origem europeia, ainda que imigrantes que como sabido também fora uma das mãos de obra mais exploradas no país, possuíam mais oportunidades do que a população negra, oportunidades essas estritamente ligada ao legado deixado pelo período escravocrata com relação aos negros no Brasil<sup>9</sup>

Os recursos artísticos e visuais produzidos por artistas brasileiros na época também retratam o operário ainda no século do XX, o famoso quadro “*Abaporu*”, 1928 de Tarsila do Amaral traduz o trabalhador rural do início do século e como ele era visto pelo sistema que estava se consolidando: com pernas e braços enormes e uma cabeça minúscula, a figura de um homem negro significa a supervalorização da força braçal e o desprezo do intelecto, condição na qual era fadado o trabalhador negro a viver no exílio do campo.

É posto, como possível saída para um destino pré-estabelecido pela escravização (no que se diz respeito a possibilidades de ascensão social), o embranquecimento da população. Processo

---

<sup>9</sup> “O Brasil abria imigração para a Itália. Íamos receber seis mil italianos, dois mil iam para São Paulo, dois mil para o Rio Grande do Sul, um mil para o Rio de Janeiro, um mil para o estado de Minas Gerais.” “[...] Os italianos, de colonos, foram transformando-se em fazendeiros, compravam áreas nas grandes cidades. Construíram casas para alugá-las, vilas. E mandavam nas cidades, e viviam com os rendimentos dos aluguéis. Os italianos construíam padarias, lojas e não faltava trabalho.” (JESUS, 2014, p. 44-46)

retratado artisticamente, ainda no século XIX, pelo pintor espanhol Modesto Brocos em 1895, que através da obra nomeada “*A redenção de Cam*” evidenciou no processo de embranquecimento da população negra (alcançado por meio da mistura das raças e etnias) a esperança de mudança do perfil racial no país<sup>10</sup>.

A classe trabalhadora não pode ser representada em hipótese alguma de forma homogênea, ao contrário a heterogeneidade da classe é um fator de suma importância na compreensão das multicausalidades presentes em uma camada tão potente e significativa; entretanto no início do século passado como exemplificado anteriormente, esta classe ainda que diversa possuía em sua maioria a mão de obra do imigrante europeu, esses por sua vez foram os primeiros usuários dos serviços sociais e da intervenção das pioneiras do Serviço Social na época. Entendemos, que, particularizando e utilizando outras narrativas podemos articular de forma mais abrangente e potencializadora determinados eixos sócio-históricos que permearam a institucionalização do Serviço Social no Brasil, de outro modo não haveria como saber que a massa de trabalhadores negros só passa a adensar em maior número no trabalho fabril alguns anos após o capitalismo industrial iniciar de fato seu desenvolvimento.

Em um trecho marcante do livro “Quarto de Despejo”, Carolina conta que foi ao sapateiro pagar um serviço e durante o processo conversou com outro negro que estava lendo um jornal, que relatou sua revolta com um guarda civil branco que espancou um rapaz negro e o amarrou numa árvore. Durante a narrativa, a autora afirma que há certos brancos que transformam negros em *bode expiatório* e indaga, *quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata?* (JESUS, 2014b, p.108).

As condições de moradia na Favela do Canindé eram extremamente insalubres, a autora relata que, os locais de moradia eram barracos, cobertos de barro e o ambiente sem saneamento básico acarretava uma maior incidência de diversas doenças infectocontagiosas, como tuberculose ou parasitoses. Carolina Maria de Jesus faz uma analogia ao comparar a vida na favela a um quarto

---

<sup>10</sup> Este elemento estético também pode ser discutido a partir do documentário “Nordeste problema número um”, segundo Corrêa “O segundo ponto está associado à sua representação estética. Nas seqüências anteriores o porte físico dos personagens que serviam com representantes do nordestino eram sempre associados à paisagem da qual tomavam parte. Filmados sob o sol, acentuavam-se as marcas em seus rostos, ressaltando os contrastes claro-escuro e contribuindo para torná-los ainda mais taciturnos. A partir de sua associação ao elemento de fecundidade água, sua constituição física é diferenciada; evidenciando a marca que o discurso filmico estabelece entre a situação anterior de miséria e fome e a ação de transformação contida nas propostas do IPÊS para a região. Dessa forma, se nas seqüências anteriores o nordestino era caracterizado segundo a paisagem da qual emergia, a partir deste momento ele é apresentado com outras características: é **branco, robusto e possui um semblante diferenciado**. (2005, p.118-119 *grifos nossos*).

de despejo, não considerando as condições daquele espaço enquanto dignos de moradia para um indivíduo, e a cidade a uma sala de visita, “*com lustres de cristal, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim*” (JESUS, 2014b, p.37).

Durante o diário, a autora narra algumas experiências com uma profissional do Serviço Social, e em uma das menções conta que procurou assistência no ano de 1957, quando ficou doente com o objetivo de solicitar auxílio na alimentação dos seus filhos, foi até o Palácio dos Bandeirantes onde foi encaminhada para a sede que ficava na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, onde novamente foi encaminhada para o Serviço Social da Santa Casa, chegando lá conta que falou com a Dona Maria Aparecida, que ouviu suas demandas, fez algumas colocações, mas não deu nenhuma resposta material.

O autor Raul de Carvalho disserta sobre a prática profissional dos Assistentes Sociais a partir da década de 1930, com o aprofundamento do capitalismo:

Para o Serviço Social, a partir de outro prisma, as demandas da população-cliente também não são vistas como direitos, mas como manifestações de carências. O atendimento, especialmente a distribuição de auxílios materiais, se faz acompanhar de uma pressão moral que tem por horizonte impedir as acomodações e afirmar a ausência de alternativas fora de um comportamento “racional e equilibrado”, integrado à ordem vigente. Partindo da noção de que todos poderiam obter um mínimo de bem-estar que aquela ordem lhes reservaria, as situações de dependência, ao mesmo tempo que alimentadas, são caracterizadas a partir de critérios morais. E às doses homeopáticas de auxílios materiais se acrescenta um volume desproporcional de controle e inculcação ideológica (CARVALHO, 2014, p.319).

Contextualizando que população negra, diferentemente dos imigrantes, são historicamente desumanizados, como a autora descreve em trechos longo da obra<sup>11</sup>. O dia 13 de maio (dia da

---

<sup>11</sup> “Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sobre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver meus filhos passar fome fui pedir auxílio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lágrimas deslizar os olhos dos pobres. Com é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. A única coisa que eles querem é saber os nomes e os endereços dos pobres.

Fui no Palacio, o Palacio mandou-me para sede da Av. Brigadeiro Luís Antonio. Avenida Brigadeiro me enviou para o Serviço Social da Santa Casa. Falei com a Dona Maria Aparecida que ouviu-me e respondeu-me tantas coisas e não disse nada. Resolvi ir no Palacio e entrei na fila. Falei com o senhor Alcides. Um homem que é niponico, mas é amarelo como manteiga deteriorada. Falei com o senhor Alcides:

– Eu vim aqui pedir um auxílio porque estou doente. O senhor mandou me ir na Avenida brigadeiro Luis Antonio, eu fui. Avenida Brigadeiro mandou-me ir na Santa Casa. E eu gastei o único dinheiro que eu tinha com as conduções.

– Prende ela!

Não me deixaram sair. E um soldado pois a baioneta no meu peito. Olhei o soldado nos olhos e percebi que ele estava com dó de mim. Disse-lhe:

– Eu sou pobre, porisso é que vim aqui.

abolição da escravatura no Brasil) de 1958, Carolina vai dizer que *“Eu lutava contra a escravatura atual - a fome”* (JESUS, 2014b, p.32).

A obra de Carolina Maria de Jesus ilustra a ausência estatal na Favela do Canindé, onde os políticos só iam em época eleitoral para angariar votos, em contrapartida a Igreja era a única instituição que se inseria neste espaço. Em um dos relatos sobre seu cotidiano Carolina destaca *“Hoje o Frei veio rezar a missa na favela. Ele pois nome na favela de Bairro do Rosário. Vem várias pessoas ouvir a missa. No sermão o padre pede ao povo para não roubar* (JESUS, 2014b, p.162).” A Igreja cumpria um papel conciliador em busca de obter a harmonia social entre as classes<sup>12</sup>.

Durante a narrativa da autora é possível identificar que pairava uma continuidade da colonização cristã, em um trecho da obra Carolina relata que *“As enfermeiras do Frei Luiz que vem curar as chagas dos favelados estão chegando, e em seguida conta que elas estão ensinando às crianças a rezar* (JESUS, 2014b, p.92).”

Em outro momento, a autora reflete sobre a vida atribulada, pensando nas palavras do Frei Luiz que lhes diz para serem humildes. Refletindo sobre esta fala, Carolina escreve *“se o Frei Luiz fosse casado e tivesse filhos e ganhasse salário mínimo, ai eu queria ver se o Frei Luiz era humilde. Diz que Deus dá valor só aos que sofrem com resignação. Se o Frei visse os seus filhos comendo gêneros deteriorados, comidos pelos corvos e ratos, havia revoltar-se, porque a revolta surge das agruras* (JESUS, 2014b, p.86).”

No documentário “Nordeste o problema número um” são tratados vários temas pertinentes ao enfrentamento da questão social, particularmente pelo Estado brasileiro e pelas iniciativas patronais. As frentes

---

Surgiu o Dr. Osvaldo de Barros, o falso filantropico de São Paulo que está fantasiado de São Vicente de Paula. E disse:

– Chama um carro de preso!” (JESUS, 2014b, p. 42)

<sup>12</sup> A moralização do modo de vidas dos pobres e a indicação dos valores religiosos do catolicismo também podem ser identificados nas normas morais criadas pela Fundação Leão XIII para os moradores da Favela do Pinto no Rio de Janeiro: “1) Palavra de homem é uma só; 2) Ajude seu vizinho; 3) Bater em mulher é covardia; 4) Sem exemplo não se educa; 5) Homem que é homem não bebe até perder a cabeça; 6) Jogo, só futebol; 7) Difícil não é m andar nos outros: é mandar na gente; 8) Comunismo não resolve; 9) Quero meu direito, mas cumpro minha obrigação; 10) **Sem Deus não somos nada.**” (Apud, Simões, 2008, p. 165). Para as mulheres as orientações indicavam: “1) Questão fechada: casa limpa, arrumada e bonita; 2) Quando um não quer, dois não brigam; 3) Anjo da paz e não demônio de intriga; 4) Não vire a cabeça porque o marido não tem juízo; 5) Se o marido faltar, seja mãe e seja pai; 6) Educar de verdade, sem palavrão, sem grito e sem pancada; 7) Seja liga com os educadores de seu filho; 8) Não seja do contra: com jeito se vai à lua; 9) Nada mais triste do que mulher que degenera; 10) **Mulher sem religião é pior que homem ateu.**” (idem, p. 166). E para as crianças, o Código dos pequeninos de São Cosme Damião; “1) Nem covarde, nem comprador de briga; 2) Desgosto aos pais, jamais; 3) Antes só do que mal acompanhado; 4) O que suja mão é pegar no alheio; 5) Menino de bem não diz palavrão; 6) Homem não bate em mulher; é triste mulher que se mete a homem; 7) Não minta nem que o mundo se acabe; 8) Delicadeza cabe em qualquer lugar; 9) Quem não aproveita a escola se arrepende o resto da vida; 10) **Quem não reza é bicho.**” (idem, p. 166).

de trabalho são apresentadas em tom ufanista como grande possibilidade de mudança para a população. Novamente as imagens são impactantes, uma grande quantidade de trabalhadores em filas, aguardando atendimento, trabalhando. A sequência é finalizada com a frase: “Quem dá trabalho ao homem nordestino, ajuda a redimir a região”, contudo não há a perspectiva de *dar* trabalho aos nordestinos, uma vez que o próprio documentário informa que havia isenção de 50% do imposto de renda para as empresas que investissem no nordeste, além das iniciativas de crédito que deveriam atuar na perspectiva de minimizar o sofrimento dos trabalhadoras, mas que, se constituía como investimento para os industriais.

Com intuito de trazer uma imagem brutalizada do sertão, reforçando suas características e livrando-se de discussões de origens, essas sequências buscam representar o que havia de mais brutal na paisagem nordestina: a seca. O superenquadramento da imagem da mulher caminhando, tendo ao fundo uma árvore ressequida, busca nos apresentar uma realidade não construída; uma imagem retirada do real. Ora, se esse plano ratifica a paisagem brutalizada do sertão, o seguinte reforça o argumento de como essa paisagem age sobre sua população. Com a “fome assumindo o comando” esse plano vai se fundir com as imagens do cortejo fúnebre. Apesar de a relação entre seca/fome/morte apresentar um argumento comum, há de se considerar o intento dessas imagens como vinculadas ao próprio posicionamento político-econômico do IPÊS em relação à sua atuação e/ou posicionamento sobre o Nordeste.

Ora, após a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, em 1958, a região se tornou, pelo menos potencialmente, um campo propício para a implementação de novos parques industriais. Mão-de-obra barata, financiamento governamental, associada à ideia de ação social por parte das indústrias no auxílio ao “flagelo” das secas, abriram um campo excepcional aos interesses financeiros (CORRÊA, 2005, p. 116).

A ênfase de uma perspectiva elitizada que reforça o estereótipo de falência social presente na linguagem do documentário fica evidenciada pela própria origem da produção – o discurso empresarial do IPÊS, que por razões óbvias não menciona as mobilizações de resistências engendradas pelos trabalhadores nordestinos, como as ligas camponesas, por exemplo. De acordo com Löwy “*o que acontece na América Latina é que, a partir dos fins dos anos 50, o desenvolvimento do capitalismo atingiu um grau tal que há uma espécie de intensificação de todos os conflitos sociais, que vão se tornando muito mais agudos.*” (1988, p.148). No entanto, o posicionamento ideológico fica explícito na menção articulada de três aspectos – a associação à água ao que é viçoso, transformador, simbolicamente associado à fecundidade em contraposição à seca, à pobreza, sinteticamente, a oposição ao ciclo de vida/morte; o segundo ponto é a representação estética (vide nota n. 4) e, por fim, é ação de trabalho em contraposição à passividade, associando o nordestino à uma atitude indolente “[...] *em relação a sua própria terra, aqui o personagem realiza uma ação direta sobre seu próprio meio [...]. Essa sequência*

*edifica a imagem de um trabalhador ativo, laborioso, que se opõe às imagens anteriores.”*  
(p.119)

O Documentário também destaca que as condições de trabalho da massa de nordestinos são as mais precárias e mal remuneradas. São apresentadas as dificuldades da agricultura e indicada a necessidade de crédito agrícola *supervisionado*. “*A vida nordestina é elementar, áspera, fechada em si mesma, sem qualquer perspectiva de progresso social.*” (MANZON, 1963).

a maneira como o filme estabelece dois momentos distintos à imagem do nordestino ratifica um discurso cuja preocupação se centrava na necessidade de estabelecer uma imagem que deveria prescindir de qualquer aproximação com ideais comunistas / socialistas. No cerne dessa caracterização atribuída por *Nordeste problema número um*, está a preocupação do grupo em se descaracterizar a ação das Ligas Camponesas que surge como um dos mais importantes movimentos sociais na década de 1960. (CORRÊA, 2015, p. 120).

A mortalidade nordestina é apresentada como algo alarmante, chegando ao índice de 70% antes de um ano de idade – a cena que expõe esta realidade é, particularmente impactante – um grupo de crianças a carregar um caixão aberto com uma criança morta. Para Corrêa:

A linguagem utilizada no documentário é praticamente institucional, alterando os tons de culpabilização da população e sua ignorância, ausência de perspectivas que impõe a migração para outras regiões do país.

Os documentários foram produzidos em 1963, serão utilizados nas aulas finais da disciplina ajudam a problematizar a realidade sócio-histórica brasileira a partir dos anos 1950 e, daí, construímos o debate sobre os rumos do Serviço Social e dos fundamentos da profissão no contexto do desenvolvimentismo, sobretudo pela inserção das assistentes sociais em iniciativas/ações estatais e pela incorporação do desenvolvimento de comunidade, inclusive como técnica de intervenção profissional.

Ainda vigorava no Serviço Social brasileiro, leituras conservadoras e o registro do documentário ajuda a identificar este perfil profissional, na fala do narrador do documentário – um trabalhador brasileiro: “[...] *duas moças bem vestidas chegavam à favela, e, foi a partir daquele momento que a favela começou a ficar diferente, com as pioneiras sociais, as famílias dos barracos começaram a encontrar compreensão, ajuda e simpatia. Um milagre estava acontecendo.*” (Manzon, 1963b).

A partir daí o documentário “As favelas vão acabar” enfatiza as iniciativas da Fundação Leão XIII como a realização de um sonho através do sorteio de lotes para construção de casas, já que todos sonhavam “com uma casinha bonitinha”, “um chuveiro jorrando água é um milagre” e

que um homem que ama o trabalho é “um homem feliz, que crê no futuro” expressando os fundamentos moralistas - travestidas de intervenção técnica - que nortearam as ações profissionais das assistente sociais até os anos 1960 no Brasil<sup>13</sup>.

O Documentário apresenta alguns dados relevantes sobre as políticas de habitação voltadas para a perspectiva era de total extinção das favelas no estado da Guanabara. Explicitando como parte das parcerias com a Aliança para o progresso e Banco Interamericano. Apresenta o número de construção de 10 mil casas no ano no estado da Guanabara, que eram financiadas para os trabalhadores - 15% do salário mínimo em 10 anos – evidenciando que o que de fato ocorria era a aquisição de moradias pelo endividamento dos trabalhadores. Naquela época existiam 200 favelas no Rio de Janeiro, na qual vivem cerca de 1 milhão de pessoas. E o narrador reforçava que “A favela só tem poesia nas letras do samba [...] a não ser que pode fazer poesia da miséria, do desgosto absoluto, da desgraça dos seres humanos” (Manzon, 1963b). E é justamente um samba que utilizamos para discutir a realidade dos favelados por outro ângulo de análise.

O Samba Recenseamento<sup>14</sup> traz uma crítica da relação Estado/classes sociais a partir do relato de uma situação do cotidiano dos pobres, o tom apresentado como a abordar do recenseador – que podemos compreender como materialização das ações do Estado – apresenta uma determinada leitura sobre os favelados:

Não podemos esquecer que a utilização de um texto em discurso indireto supõe menor fidelidade ao texto original por pressupor uma interpretação daquele que reproduz o discurso em forma indireta, o que neste caso também acarreta uma ênfase na dúvida da pergunta levantada. Pensando na provável pergunta em discurso direto, realizada sem pronomes interrogativos, nos deparamos com a instauração do implícito de que o moreno não é decente. Esse

---

<sup>13</sup> Entre os elementos que expressam a moralização das expressões da questão social e do modo de viver da classe trabalhadora temos os códigos de normas morais. Os assistentes sociais eram os profissionais mobilizados para o acompanhamento sistemático através de visitas constantes e intervenções técnicas que buscavam assegurar a recuperação do homem da favela, conforme explicita o relatório “Como Trabalha a Fundação Leão XIII – notas e relatório de 1947 a 1954”: “Esse trabalho de recuperação do homem da favela é feito pela ação da presença cristã, do bom conselho, do bom exemplo, da boa palavra, da educação, da recreação, da profilaxia material e moral, da assistência médica, do Serviço Social e é realizado, dia a dia, pelos Centros de Ação Social, célula de base de toda essa ação social e que, para bem realizarem os seus propósitos, são localizados no próprio coração das favelas, abertos das 7 da manhã às 22 horas a todos que de seu amparo necessitam.” *Apud*: 1955: 10.

<sup>14</sup> Segue a letra completa do samba de Assis Valente: “Em 1940/ lá no morro começaram o recenseamento/ E o agente recenseador/ esmiuçou a minha vida/ que foi um horror/ E quando viu a minha mão sem aliança/ encarou para a criança/ que no chão dormia/ E perguntou se meu moreno era decente/ se era do batente ou se era da folia// Obediente como a tudo que é da lei/ fiquei logo sossegada e falei então// O meu moreno é brasileiro, é fuzileiro,/ é o que sai com a bandeira do seu batalhão!/ A nossa casa não tem nada de grandeza/ nós vivemos na fartura sem dever tostão/ Tem um pandeiro, um cavaquinho, um tamborim/ um reco-reco, uma cuíca e um violão// Fiquei pensando e comecei a descrever/ tudo, tudo de valor/ que meu Brasil me deu/ Um céu azul, um Pão de Açúcar sem farelo/ um pano verde e amarelo/ Tudo isso é meu!/ Tem feriado que pra mim vale fortuna/ a Retirada da Laguna vale um cabedal!/ Tem Pernambuco, tem São Paulo, tem Bahia/ um conjunto de harmonia que não tem rival.”

implícito é salientado pelo emprego da disjuntiva “ou” que denota uma perspectiva onde trabalho e folia não são compatíveis, onde a presença de um necessariamente exclui o outro. Ademais, vê-se por meio da sequência lógica construída que o fato da mulher não ser legalmente casada e ser uma mãe solteira, gera imediatamente o questionamento do caráter de trabalhador do seu companheiro. Ou seja, aquele que não se enquadra em um dos aspectos dos ideais de cidadão do Estado potencialmente não se enquadrará tampouco nos demais. Neste caso, não tendo a personagem-narradora uma família ideal, tampouco teria um companheiro trabalhador. (p. 06).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou as articulações entre o ensino, através da disciplina de Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos do Serviço Social I, com a iniciação à docência através do Projeto de Monitoria “Raiz conservadora e contradição na formação sócio-histórica brasileira”, também compôs as ações articuladas do GEPESSC o projeto de ensino “Fundamentos Históricos e Teórico-Metodológicos do Serviço Social – Estudos Literatura, produção fílmica e musical – experiências pedagógicas a partir da Diretrizes Curriculares da ABEPSS” espaço de debate e construção de análises utilizando outros recursos e potencializando os estudos das referências bibliográficas indicadas na disciplina de Fundamentos Históricos e Teórico-Metodológicos do Serviço Social I.

A partir das questões trabalhadas e das potencialidades identificadas nas articulações que estavam construindo elaboramos para o próximo ano a criação de um projeto de pesquisa a ser desenvolvido no ano de 2020 “Pionerismos no Serviço Social – mulheres, raça, classe nos primórdios da profissão<sup>15</sup>”, buscando recuperar registros históricos que expressem as falas das pioneiras e os ‘vazios’ nos registros profissionais daquele contexto.

Tratamos como eixo de análise a referência central aos estudos de Iamamoto e Carvalho (2015), identificando a centralidade do *caráter contraditório do serviço social*, para a construção dos estudos, pesquisas e atividades didático-pedagógicas formativas.

Nossos objetivos também abarcam a criação de um projeto de extensão que, a partir de exposições fílmicas e de rodas de conversa voltadas para estudantes de Serviço Social e demais cursos de graduação da campus, a população do entorno e os estudos do ensino médio da rede pública, fortalecendo iniciativas de interlocução que tem sido potencializadas no último ano, através do UFF de portas abertas e da parceria com os trabalhadores da biblioteca do campus em atividades abertas à população.

---

<sup>15</sup> Título provisório.

O projeto de extensão terá centralidade na produção filmica brasileira e na realização de rodas de conversa que tragam reflexões sobre os temas e conteúdos de estudos da disciplina de FHTMSSI, tais como relações Estado-classes sociais, autoritarismo, pensamento conservador no Brasil, relações de sexo (gênero); divisão social, técnica e racial do trabalho no Brasil, influências doutrinária, filosóficas e técnicas do serviço Social no Brasil (1930-1950) por isso todas estas ações perpassam o grupo de pesquisas GEPESSC e também buscam fortalecer também o grupo de estudos “Fundamentos do Serviço Social”, estimulando a participação dos estudantes e dinamizando a formação universitária.

Nosso enfoque prioriza a junção de um conhecimento particular da sociabilidade brasileira do início do século XX, conhecimento esse que engloba o estudo e a análise de questões que vão além das referências já consagradas literatura profissional, como as Franco-Belgas e estadunidense, que são de suma importância para se compreender o Serviço Social e suas protoformas em uma realidade dinâmica e complexa como a realidade brasileira, mas que, conforme indica Carvalho (2014, p. 23): “[...] esse enfoque aparece como insuficiente para definir marcos cronológicos do Serviço Social a partir do movimento mais amplo que lhe dá origem”. Além da utilização recursos alternativos, que muitas vezes são invisibilizados no meio acadêmico, sobretudo por se tratar de produções femininas; o Projeto de Monitoria da disciplina de Fundamentos Históricos e Teórico-Metodológicos do Serviço Social I, tem feito o convite a pensarmos questões que englobam gênero, raça e classe e percebermos que essas categorias estão muito mais presentes nos primórdios da profissão do que antes parecera. A linguagem irônica do samba recenseamento<sup>16</sup> possibilita este diálogo com leituras e registros populares e ampliação de referências no debate acadêmico, incluindo aí outros saberes. Esta abordagem também nos inspira na construção de mais articulações didáticas que se valham destas potencialidades.

Por fim, identificamos que, para além da ementa proposta para a disciplina, a construção de

---

<sup>16</sup> “Segue-se uma enumeração constituída pelos elementos da natureza “céu azul” e pelo “Pão de Açúcar”, um dos mais conhecidos cartões postais da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil, mas empregado de forma irônica devido à adjetivação “sem farelo”. Soma-se a essa primeira enumeração uma nova menção à bandeira, porém, desta vez, de forma respectiva (“um pano verde e amarelo”). Todos esses elementos constroem de forma polêmica um interdiscurso com a própria imagem da bandeira nacional, cuja seleção de cores é comumente justificada pela relação dessas com elementos da natureza: o verde das matas, o azul do céu, o amarelo do ouro. Tal imagem está em consonância com o chamado “verdeamarelismo” “elaborado durante anos pela classe dominante brasileira como imagem celebrativa do “país essencialmente agrário” (CHAUI, 1996, p. 32), criado pelos proprietários de terra e calcado “no otimismo da exaltação da Natureza e do “tipo nacional pacífico e ordeiro” (op. cit., p. 34). Após a mencionada enumeração, emprega-se o verso exclamativo “Tudo isso é meu!” que, na interpretação de Carmen Miranda, é enfatizado, o que salienta o tom irônico das mencionadas dádivas do país.” (MENEZES, 2010, p. 08)

espaços pedagógicos mais coletivos, enriquecidos pelo Projeto de Monitoria, Projeto de Ensino, atividades de pesquisa e ações de extensão universitária, permitem uma ampla análise sobre os múltiplos fatores que incidiram na realidade social e econômica do referido período histórico. Trata-se de um convite para mergulhar na diversidade literária e outras ferramentas de aprendizado que quando juntas reconfiguram a compreensão de um assunto que antes parecera tão pontual e singular, sobretudo no que se refere à contraposição expressa pelas iniciativas de contestação e resistência das classes trabalhadoras às iniciativas de contenção e repressão típicas do Estado Burguês. É no bojo da análise de um processo/período histórico repleto de particularidades e complexidade, que o entendimento acerca das bases que corroboraram para a institucionalização do Serviço Social enquanto profissão ganham forma.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, R. de. Aspectos da história do Serviço Social no Brasil. In: IAMAMOTO, M. V. & CARVALHO, R. de. Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-sociológica. SP: Cortez/CELATS, 2014.
- CORRÊA, M. O discurso golpista nos documentários de Jean Manzon para o IPÊS (1962/1963). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes Campinas, SP, 2005.
- DOMINGUES, P. J. Negros de almas brancas? Uma ideologia de branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. *Estud. Agro-asiáti.* Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, 2002.
- IAMAMOTO, M. V. Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. São Paulo, Cortez Editora, 1998.
- IAMAMOTO, M. V. & CARVALHO, R. de. Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-sociológica. SP: Cortez/CELATS, 2014.
- JESUS, C. M. de. Diários de Bitita. São Paulo: SESI-SP editora, 2014a.
- JESUS, C. M. de. Quarto de Despejo. 10ª edição. São Paulo. Editora Ática, 2014b.
- LÖWY, M. A Crítica Romântica da Civilização Capitalista e sua Relação com a Cultura Católica. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 28, 1988.
- MANZON, J. Nordeste problema número um. Doc. 1963a.
- MANZON, J. As favelas vão acabar. Doc. 1963b.
- MARTINELLI, M.L. Serviço Social: rompendo com a alienação. In: Serviço Social – Identidade e Alienação. 9a ed. São Paulo: Cortez: 2005.
- MENEZES, A. dos S. Pipistrela e Recenseamento: o embate entre vozes marginais e disciplinadoras nas letras de tango e de samba. *Anais do I CIPLOM: Foz do Iguaçu - Brasil*, de 19 a 22 de outubro de 2010.
- CASTRO, M. M. História do serviço social na América Latina. SP: Cortez/CELATS, 1993.
- STÉDILE, J.P. (org.). A questão agrária no Brasil. São Paulo: Expressão Popular: 2005.
- SIMÕES, S. S. “Cruzada São Sebastião do Leblon: Uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro” / Soraya Silveira Simões. – Niterói: UFF/ ICHF/ PPGA, 2008.

ON-LINE 9, 10 & 11 DE DEZEMBRO 2020

## II COLÓQUIO INTERNACIONAL V COLÓQUIO NACIONAL SOBRE O TRABALHO DO/A ASSISTENTE SOCIAL

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DO TRABALHO E DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

**Promoção:** Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) & Conselho Regional de Serviço Social (CRESS) 16ª Região

**Realização:** Faculdade de Serviço Social (FSSO) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

---

<sup>i</sup> Doutora em Serviço Social pela UFRJ. Mestre em Serviço Social pela UFJF. Graduada em Serviço Social pela UFJF. Profa. Adjunta 2 do Curso de Serviço Social UFF/Campus Universitário de Rio das Ostras. E-mail: clarice.costacarvalho@gmail.com.

<sup>ii</sup> Graduada em Serviço Social pela UFF/RO. Discente do Curso de Serviço Social UFF/Campus Universitário de Rio das Ostras. E-mail: luanasilvadeazevedo@gmail.com.

<sup>iii</sup> Graduada em Serviço Social pela UFF/RO. Discente do Programa de Pós-graduação em Serviço Social ESS/UFRJ/Mestrado. E-mail: thamiresmrlls@gmail.com.